



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

MARGHERITA SARFATTI E A “TERRA DO BRASIL”

Ana Gonçalves Magalhães

MAC - USP

Essa proposta está contida num projeto maior de pesquisa em andamento, que contempla o estudo das obras italianas presentes nas coleções Francisco Matarazzo Sobrinho e Francisco Matarazzo Sobrinho e Yolanda Penteado, hoje no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP). Tais coleções, que tiveram início entre os anos de 1946 e 1947, formaram-se sob orientação de Margherita Sarfatti.

Margherita Sarfatti (1880-1961) era jornalista e crítica de arte, de uma proeminente família judia vêneta. Em 1902, depois de se casar com o advogado Cesare Sarfatti, fixa residência em Milão, onde convive com um ciclo de artistas e intelectuais de vertentes socialistas e colabora com o jornal socialista *Avanti*, no qual a partir de 1909, tem uma coluna sobre arte. Em 1912, conhece Benito Mussolini, com quem inicia uma relação amorosa, que duraria até a década de 1930. Como crítica de arte, é fundamental sua colaboração na criação do grupo Novecento, em 1922. Já em 1925, o grupo se reformula e passa a ser conhecido como Novecento Italiano. Em 1924, dedica-se a escrever a biografia de Mussolini, *Dux*. E em 1925, assina o *Manifesto degli Intteletuali Fascisti*. Com a aproximação de Mussolini ao governo de Hitler, e a implementação das Leis Raciais na Itália, em 1938, Sarfatti é obrigada a deixar o país. As biografias da crítica apontam que de 1938 a 1947, Sarfatti está vivendo na Argentina.



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

De suas atividades no Brasil, quase nada se sabe: temos apenas os indícios de sua colaboração nas aquisições italianas de Francisco Matarazzo Sobrinho e Yolanda Penteadó. De qualquer modo, em seu exílio argentino, a crítica parece ter tido uma importante atuação no meio artístico daquele país, que resultou no livro *Espejo de la Pintura Actual*, publicado em 1947, numa coleção dirigida pelo crítico argentino Jorge Romero Brest. Organizada em 27 capítulos, a publicação inclui um capítulo sobre a pintura brasileira e um anexo sobre a pintura de Rio de la Plata, além de outros capítulos dedicados ao México, ao Peru e a países distantes como o Japão e a Austrália.

Propomo-nos a analisar essa publicação à luz de um livro anterior de Sarfatti, datado de 1930, no qual além de retomar alguns conceitos advindos da tradição clássica da arte, ela enfatiza as vertentes ligadas ao ambiente do “Retorno à Ordem” dos anos 1920 e 1930, e desenvolve uma noção de “classicità moderna”. Em sua leitura da realidade latino-americana, ela parece privilegiar grupos de artistas que estiveram ligados a esse ambiente na Europa.

Crítica de arte, tradição clássica, pintura